Análise Social - 2.ª série

1. Nova série, novo arranco

O presente número de *Análise Social* é o primeiro da sua 2.ª série. Com forma gráfica largamente refundida e expressivas mudanças no esquema e nos títulos das secções, a revista apresenta-se agora sob aspectos renovados, desde logo perceptíveis, que — por implicarem um certo modo de *recomeço* — eventualmente poderiam justificar, sem mais, a abertura de uma série nova. E, no entanto, se, com tais aspectos, sòmente uma alteração formal — digamos: de aparências — se introduzisse, decerto não haveria motivo para lhe conferir especial relevância.

Não é esse o caso, porém. O lançamento desta 2.ª série corresponde, para o Gabinete de Investigações Sociais, ao que se espera possa ser — e venha a ser — *um novo arranco* no processo da sua mesma evolução, assim como no da revista que é o seu principal «espaço de manifestação». Ocorre num *momento* — que muito se desejaria decisivo — de *uma história* já não pròpriamente breve. E por isso mesmo é, a um tempo, *sintoma* de um determinado tipo de transformações que no Gabinete têm vindo a acontecer e *sinal de vocação* para novas transformações de maior alcance.

Tentaremos, porventura no próximo número de *Análise Social,* delinear *as fases essenciais* daquela história e caracterizar *o momento* em que presentemente se localiza. Cremos que o seu conhecimento será útil — não apenas para que se torne possível entender totalmente o que os novos moldes formais (não meramente gráficos), doravante adoptados nesta revista, pretendem exprimir em termos de sintoma e de vocação, mas também, e diríamos: mais ainda, para que os estudiosos e, dum modo geral, o público interessado na problemática da actividade científica possam dispor de uma informação susceptível de constituir um contributo válido, se bem que muito limitado, para uma análise sociológica da ciência portuguesa, análise que muito importaria se efectuasse.

Por ora, e para não ocupar demasiado espaço, cingir-nos-emos a aclarar, em toda a medida do possível, o exacto significado das modificações com que, a partir deste n.º 33, a revista se oferece.

2. Projectos editoriais do G. I. S.

Antes, porém, uma anotação preambular. Ficou dito acima que *Análise Social* é *o principal* «espaço de manifestação» do G. I. S. O principal, decerto que o é, ao menos por enquanto. Em projecto, não será contudo o único.

Além de pretender, agora mais do que antes, recorrer a outros «espaços» onde a sua actividade se possa externamente manifestar (*colóquios, seminários,* etc.), o Gabinete propõe-se, com efeito:

a) Por um lado, prosseguir a já iniciada edição de *livros e cadernos,* quer directamente pela sua «Colecção Análise Social», quer através de editoras particulares;
b) Por outro lado, lançar uma segunda colecção, de *documentos de trabalho,* que tomará a designação de «Textos de Análise Social».

Na «Colecção Análise Social», de que em breve sairá o 4.º volume, apenas foram até ao presente incluídas, como se sabe, reedições de obras anteriormente insertas nas páginas desta revista. Futuramente, e desde que os recursos disponíveis o consintam, serão nela acolhidos igualmente estudos que, pela sua extensão e/ou complexidade, a revista não possa ou não deva comportar.

Quanto à colecção «Textos de Análise Social», que se prevê de difusão restrita, destina-se a reunir trabalhos produzidos no (ou para o) Gabinete e que, tendo embora interesse como documentos onde se arquivam resultados parciais ou «momentos» intermediários de percursos de investigação ou formação que estão a ser seguidos, não possuem todavia características que justifiquem a sua edição sob a forma de artigos ou livros. Só dificuldades financeiras impediram esta nova colecção de vir a lume há mais tempo, porquanto o G. I. S. dispõe de diversos mteriais que aí encontrarão o seu lugar próprio de edição e que, em certos casos, há vários anos aguardam a possibilidade de serem publicados. Espera-se que, até ao fim do corrente ano, vários volumes de «Textos de Análise Social» possam ser distribuídos. Uma vez mais, os recursos disponíveis determinarão a medida em que tal actividade poderá ser ulteriormente continuada.

Finalmente, os resultados positivos obtidos aquando da publicação de um dos seus trabalhos através de uma editora particular justificam que o Gabinete procure recorrer a tal processo de difusão dos seus estudos mais vultosos, sempre que estes sejam òbviamente comercializáveis.

3. O novo esquema de «Análise Social»

É no quadro de projectos editoriais sumàriamente traçado nas linhas precedentes que surge a 2.ª série de *Análise Social,* aliás como elemento desse mesmo quadro. Convém então referir o que de mais significativo haja que assinalar a seu respeito. Dois pontos merecem especial destaque.

Em primeiro lugar, cada volume anual da revista passará a compreender, além dos quatro números trimestrais que até agora o integravam, um *número suplementar,* de dimensão e estrutura variáveis e sem periodicidade regular. Procurar-se-á, em princípio, que cada um dos números suplementares tenha unidade temática, isto é: que nele se reúnam textos que constituam outros tantos contributos para a dilucidação de uma mesma área de problemas. Neste sentido, vêem-se esses números como lugares privilegiados para a realização progressiva da *interdisciplinaridade,* preocupação básica — e, portanto, vocação assumida — do Gabinete. O primeiro número suplementar, que se conta seja editado ainda em 1972, será dedicado a epistemologia e metodologia das ciências sociais.

Em segundo lugar, sob vestes mudadas, os números normais (trimestrais) da revista apresentar-se-ão, a partir do que neste momento se edita, com um novo esquema de secções, que é o seguinte:

«Estudos e debates»;
«Tópicos e notas críticas»;
«Estatísticas e documentos»;
«Informações»;
«Bibliografia».

À antiga secção (sem título) de artigos substitui-se uma secção de «Estudos e debates». Serão «estudos», naturalmente, os trabalhos de investigação teórica e/ou aplicada, provenientes da produção do G. I. S. ou de colaborações externas, que tenham extensão e forma de tratamento próprias de artigos — e, assim, por este lado, a nova secção continua de facto a que, na 1.ª série, a precedeu. Mas aos «estudos» acrescentar-se-ão, sempre que possível, «debates», ou seja: textos onde se exprimirá o confronto de posições teóricas não coincidentes, designadamente os que decorram do trabalho colectivo de «comissões críticas» (formadas no G. I. S. para a análise e discussão de projectos e estudos, nas suas várias fases de preparação e execução), do trabalho levado a cabo em seminários de formação (internos ou não ao Gabinete), da realização de colóquios ou mesas-redondas com especialistas de diferentes ramos das ciências humanas, etc. De novo se torna aqui manifesto *o propósito da interdisciplinaridade.* E, no entanto, outra finalidade se tem igualmente em vista: a de trazer a público ideias, princípios de análise, perspectivas teóricas e convergências e divergências científicas *ainda em esboço,* mas susceptíveis de posterior desenvolvimento, no Gabinete ou fora dele.

A secção «Tópicos e notas críticas» toma o lugar que pertencia, na 1.ª série, à de «Ideias e factos». Designar-se-ão por «tópicos» os textos — de dimensão normalmente mais reduzida que a dos artigos publicados como «estudos» — cujos temas, em regra mais circunscritos que os dos artigos, se achem tratados de uma forma esquemática ou relativamente pouco elaborada. A sua função consistirá precisamente em referenciar e delimitar *tópicos de investigação,* e não pròpriamente em expressar investigações já

concluídas. Nas «notas críticas» consignar-se-ão os resultados de leituras críticas efectuadas sobre um texto (livro, artigo, etc.), ou um conjunto de textos (por exemplo: a obra de um dado autor), que, pelo seu tema, perspectivas teóricas ou métodos de análise, se revista de especial interesse. Nalguns casos, estas «notas» terão o intuito pedagógico de divulgar o conhecimento de autores e obras importantes com escassa audiência em Portugal; noutros casos, exprimirão um passo dado por algum investigador do G. I. S., ou pelo G. I. S. em conjunto, no seu movimento interno de formação e investigação.

A secção «Estatísticas e documentos» não estará forçosamente presente em todos os números trimestrais de *Análise Social,* e de resto não figura neste primeiro número da 2.ª série. Sucede às antigas secções «Estatísticas sociais» e «Documentos», que eram alternantes. Sob a rubrica «estatísticas» incluir-se-ão, não apenas elementos estatísticos com interesse para as investigações sociais, tratados e comentados por forma elementar, mas também comentários a estatísticas publicadas. Sob a de «documentos» publicar-se-ão conclusões de reuniões científicas, relatórios de investigadores e técnicos, diplomas legais, textos pedagógicos, documentos de trabalho, etc., cujo conhecimento se revista de indiscutível relevância para os especialistas das ciências sociais.

A secção «Informações» manterá características análogas às da que, com o mesmo título, tem sido publicada desde o n.º 1 de *Análise Social.* Englobará, portanto, um elevado número de pequenos textos de cunho meramente informativo. Pretende-se, todavia, alargar progressivamente o espaço nela ocupado por informações atinentes a congressos, seminários, conferências, colóquios, debates e outras realizações semelhantes, nacionais, estrangeiras ou internacionais, bem como pelas que se refiram a programas de actividade e andamento de projectos de investigação no âmbito das ciências humanas e ao desenvolvimento e reestruturação do ensino destas disciplinas.

Finalmente, a secção de «Bibliografia» — que já existia, subdividida em «Livros» (recensões) e «Revistas» — passa a ser composta por três subsecções: «Recensões», «Livros recebidos» e «Revistas». Na subsecção «Recensões» passarão a inserir-se notícias críticas não só de livros (como antes), mas também de artigos especialmente valiosos; na de «Livros recebidos», pequenos resumos de obras enviadas à redacção; e na de «Revistas», listas de artigos de revistas de ciências sociais, acompanhados, logo que o pequeno serviço de documentação do G. I. S. esteja em condições de a fazer, da classificação por palavras-chave dos respectivos conteúdos.

4. Nota final

Restaria acrescentar que, em termos organizacionais, *Análise Social* fica a dispor, não apenas — além do director — de um *secretário* da redacção, mas de um *secretariado da redacção,*

composto por quatro elementos: dois membros da direcção do G. I. S., o responsável pelo serviço de documentação e um membro anualmente eleito pela totalidade do pessoal investigador e técnico, o qual passa a formar, no seu conjunto, *a redacção* da revista.

Pretende-se que *Análise Social* passe a *exprimir,* mais fiel e integralmente nesta nova fase do que na anterior, o organismo que a elabora e edita, o grupo cuja actividade, evolução e produção reflecte. Pretende-se igualmente, através das inovações introduzidas, transformá-la em factor *mais estimulante* da dinâmica desse mesmo grupo. Pretende-se ainda que nela *se abra espaço a «mensagens cruzadas»:* as que o G. I. S. emita para o exterior e as que do exterior a ele se dirijam, e também as que, dentro do Gabinete, se defrontem ou conjuguem, a partir de diferentes especializações e de distintas ópticas de análise.

De qualquer modo, o que *Análise Social* poderá ser depende essencialmente do que o próprio G. I. S. for. Depende, em suma, do grau de consolidação e desenvolvimento que o Gabinete possa conseguir como instituição científica, da natureza do trabalho que esteja em condições de efectuar e das aberturas internas e externas ao debate e à interdisciplinaridade que, por meios seus ou por cooperação com outros organismos, logre estabelecer. E tudo isto largamente depende, por sua vez, de circunstancialismos e decisões exteriores, que o G. I. S. evidentemente não determina.

Esta é a mais imediata, se bem que não a única, razão por que será oportuno que, em número subsequente da revista, se evoquem — conforme a princípio se disse — os traços principais da história e do presente momento institucional do Gabinete de Investigações Sociais.